

**Além do filtro:  
interseccionalidade e a  
experiência das adolescentes  
negras do Recife no *Instagram***

Beyond the filter: intersectionality and the experience of black teens in Recife on Instagram

Más allá del filtro: la interseccionalidad y la experiencia de las adolescentes negras en Recife en *Instagram*

**Gerbson da Silva Lima<sup>1</sup>**

 [0000-0001-5991-311X](https://orcid.org/0000-0001-5991-311X)

**Taciana Lima de Paula Black<sup>2</sup>**

 [0000-0002-5766-337X](https://orcid.org/0000-0002-5766-337X)

**Kalina Vanderlei Silva<sup>3</sup>**

 [0000-0002-8370-1894](https://orcid.org/0000-0002-8370-1894)

**Resumo:** Este artigo se propõe a refletir sobre os itinerários das adolescentes negras no *Instagram*, com ênfase em suas experiências *online*. Para tanto, partimos do pressuposto de que toda discursividade é historicizada e territorializada e, para grupos específicos, como é o caso das mulheres negras, um componente adicional se faz presente em suas vidas: a interseccionalidade. As entrevistas semiestruturadas e a etnografia digital foram os caminhos para buscar a compreensão das narrativas que compõem as suas biografias, as quais foram lidas sob a lupa de pensadoras feministas. Assim, as potentes vozes, tanto das adolescentes, quanto das intelectuais, denunciam o ideário de perfeição e solidão que povoa o ambiente digital e as subjetividades.

**Palavras-chave:** Adolescente. Interseccionalidade. Redes Sociais Digitais. Raça.

**Abstract:** This article aims to reflect on the itineraries of black teenagers on Instagram, emphasizing their online experiences. To do so, we start from the assumption that all discursivity is historicized and territorialized and, for specific groups, as is the case of black women, an additional component is present in their lives: intersectionality. Semi-structured interviews and digital ethnography were the ways to seek an understanding of the narratives that make up their biographies, which were read under the magnifying glass of feminist thinkers. Thus, the powerful voices of teenagers and intellectuals denounce the ideas of perfection and loneliness that populate the digital environment and subjectivities.

**Keywords:** Teenager. Intersectionality. Digital Social Networks. Race.

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo reflexionar sobre los itinerarios de las adolescentes negras en Instagram, con énfasis en sus experiencias online. Para hacerlo, partimos del supuesto de que toda discursividad está historicizada y territorializada y, para grupos específicos, como es el caso de las mujeres negras, un componente adicional está presente en sus vidas: la interseccionalidad. Las entrevistas semiestruturadas y la etnografía digital fueron las formas de buscar la comprensión de las narrativas que componen sus biografias, las cuales fueron leídas bajo la lupa de pensadoras feministas. Así, las voces poderosas, tanto de adolescentes como de intelectuales, denuncian las ideas de perfección y soledad que pueblan el entorno digital y las subjetividades.

**Palabras-clave:** Adolescente. Interseccionalidad. Redes Sociales Digitales. Raza.

<sup>1</sup> Doutorando em Hebiatria pela Universidade de Pernambuco - UPE. Assistente Social da Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco. *Lattes:* [3892475730917265](https://lattes.cnpq.br/3892475730917265) - *E-mail:* [gerbson.slima@upe.br](mailto:gerbson.slima@upe.br).

<sup>2</sup> Doutoranda em Hebiatria pela Universidade de Pernambuco - UPE. Enfermeira do Departamento de Qualidade de Vida da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE. *Lattes:* [0305351547687318](https://lattes.cnpq.br/0305351547687318) - *E-mail:* [taciana.lima@upe.br](mailto:taciana.lima@upe.br).

<sup>3</sup> Doutora em História pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Professora Associada da Universidade de Pernambuco - UPE. *Lattes:* [0551212219219114](https://lattes.cnpq.br/0551212219219114) - *E-mail:* [kalina.silva@upe.br](mailto:kalina.silva@upe.br).



## **Na vida da mulher negra, todas as redes são tecidas pela interseccionalidade**

Eu ainda tô tentando me enxergar, que ultimamente tô me sentindo muito ofuscada. Não sei o porquê, mas eu estou [...]. Mas eu estou focando em fazer cabelo... é... meu dia a dia e, vou começar a fazer... me aprimorar... e com maquiagem... é... pra ver onde vai dar (Magá Moura, entrevista concedida em 15/05/2022).

Magá Moura (codinome de uma participante deste estudo) é uma adolescente de 15 anos, autodeclarada parda, estudante do primeiro ano do ensino médio, que vive na periferia do Recife, mais especificamente na comunidade do Alto do Pascoal, um dos muitos lugares que compõem o território com a maior concentração de moradores negros<sup>4</sup> da cidade: os morros da Zona Norte (IBGE, 2012). Sua mãe é enfermeira, seu pai é auxiliar de serviços gerais. Imprensados pelas necessidades de sobrevivência, o núcleo familiar de Magá uniu-se ao núcleo familiar de sua avó materna; agora, a família extensa habita o mesmo lar. A adolescente, ao mesmo tempo em que se sente ofuscada, enxerga o *Instagram* como uma possibilidade de ascensão ou até mesmo de mudança de vida. Exemplos de ‘sucesso’, hiperdimensionados, não faltam na rede.

Mais do que uma opção estilística, o discurso e a breve caracterização da vida de Magá, apresentados aqui como prólogo, têm o objetivo de conectar o que é dito ao que é vivido e, o mais importante, demonstrar que neste trabalho quem fala são as adolescentes negras da periferia da Zona Norte da cidade do Recife, que também são estudantes inseridas em uma instituição escolar, além de viverem em famílias com configurações plurais e em um contexto de precarização do mercado de trabalho. Assim, nada é um acaso no que se mostra aqui da vida de Magá e das demais enunciantes, ao contrário, todas as experiências se revelam contextualizadas e geograficamente situadas.

Dessa forma, este artigo tem como propósito refletir sobre os percursos que as adolescentes negras da periferia da cidade do Recife têm construído no *Instagram*. E há de ser considerado que, dentro de um contexto em que a sociedade busca apagar a história dessa juventude, a cidadania comunicativa, entendida como a inclusão de diversos grupos sociais na mídia a partir do direito à comunicação, pode oferecer a essas jovens novas possibilidades de debate em torno das suas discursividades (Matta, 2006).

---

<sup>4</sup> Convencionalmente, utiliza-se o termo negro para se referir às pessoas com ancestralidade africana (Oliveira, 2004). Para o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012), as populações autodeclaradas pretas e pardas são as que constituem a população negra.



Ao se olhar para a população negra brasileira, é possível perceber que o sentimento de inferioridade tem sido perpetuado por meio de conteúdos de caráter histórico que contribuem negativamente para a construção das identidades dos sujeitos em formação (Damascena & Miranda, 2018). Assim, para os propósitos deste artigo, é crucial compreender que a ideia de raça foi desenvolvida, inicialmente, como uma estratégia para hierarquizar e classificar os povos colonizados, o que, por sua vez, serviu como uma técnica para legitimar as relações de imposição e dominação durante o processo de conquista das nações americanas (Quijano, 2005).

É relevante destacar que, nesse contexto, a colonialidade está amplamente enraizada nos sistemas de classificação e imposição de poder, nos quais as categorias de gênero e raça são utilizadas para atribuir mais ou menos ‘humanidade’ aos indivíduos (Lugones, 2014). Somando-se a isto, Almeida *et al* (2018) considera que a permanência do racismo, como uma forma de discriminação, se baseia no imaginário social de que a raça tem uma origem biológica, e que o determinado argumento tem sido sistematicamente empregado para garantir privilégios ou impor desvantagens, a depender do grupo racial em que o indivíduo é categorizado, caracterizando-se, assim, como um fenômeno estrutural.

Na mesma linha de pensamento, Munanga (1994) enfatiza que a construção das identidades negras não pode ser reduzida apenas ao critério racial. Há uma complexa interação de fatores históricos, psicológicos, sociais e políticos que moldam a maneira como as pessoas negras se percebem e se inserem no mundo. Nesse sentido, Silva (2000) acrescenta que esses aspectos simbólicos e sociais se manifestam por meio de lutas, nas quais a afirmação das identidades e diferenças têm implicações concretas. Portanto, considerando essa perspectiva histórica, a autodeclaração de raça/cor<sup>5</sup> das adolescentes envolvidas no estudo serviu como um elemento fundamental para compreender o ambiente, o conjunto de valores internalizados e, igualmente importante, as vozes que emergiram no discurso.

Sob esta perspectiva, não é possível pensar a raça isoladamente. Descolar esse conceito de outros marcadores não tem, dessa forma, validade histórica, pois no mesmo patamar há outros cruzamentos não menos importantes. Além disso, como Davis (1997) enfatiza, a sociedade que sistematicamente exclui as mulheres negras do espaço de fala tem se sustentado no sistema de opressão interseccional; ou seja, entre as categorias raça e gênero

---

<sup>5</sup> A opção pelo binômio raça/cor se deu pela necessidade de se evitar a indução das respostas das adolescentes entrevistadas.



existem algumas relações que são mútuas e outras que se entrelaçam; no entanto, é correto afirmar que nenhuma assume primazia em relação às demais. Logo, qualquer análise que priorize a hierarquização ou comparação de marcadores sociais não se apresenta como válida no palco que perpetua as desigualdades sociais, pois a lógica não é matemática. Não se trata da simples soma desses fatores, mas sim de compreender o espaço onde essa interseção é arquitetada e construída (Akotirene, 2019).

Neste mesmo sentido, não pode ser esquecido que as experiências das mulheres possuem valor histórico e prático, uma vez que são moduladas pelas interações dos marcadores sociais que convergem na constituição dos cenários e territórios dessa organização. Ou seja, a interpretação do lugar da mulher negra na sociedade só é viável a partir do momento em que se compreende quais são os aparatos que compõem a formação sócio-histórica das categorias que as constituem (Crenshaw, 2002; Gonzalez, 2008).

Araújo & Rego (2018), ao problematizar a questão de gênero, entendem que as mulheres têm representado um aglomerado social que é discriminado em nível global e multidimensional, revelando que a racionalidade, que atua desfavoravelmente contra esse grupo, subjuga ainda mais as que são negras; em função disso, ser mulher e ser negra torna-se uma condição mais difícil e desafiadora. Corroborando essa análise, de acordo com Lélia Gonzalez (2020), a tríade gênero-classe-raça, quando inserida no sistema patriarcal-racista, invisibiliza essas mulheres e, mesmo que sejam majoritárias nos espaços que ocupam, os opressores utilizam a estratégia de desracializar ou descolorir como forma de desqualificar as suas lutas. Desse modo, não é por acaso que Neusa Santos Souza (2021) entende que a cor, a ideologia do embranquecimento e a democracia racial são as bases das relações sociais no Brasil. Adjuntar características negativas como feio, ruim ou irracional faz parte da fomentação do mito negro em prol do estabelecimento do ego branco.

É nessa conjuntura que a mídia tem atuado com um papel relevante na disseminação e fortalecimento de posturas cruéis contra as mulheres, particularmente as negras. Em 1984, Lélia Gonzalez já denunciava a violência operada nos programas de rádio e televisão no momento em que a ‘música’ fricote ou “nega do cabelo duro” ganhava notoriedade nacional com um mote racista, em que o fato de ser negra e ter cabelos crespos era motivo suficiente para provocação, chacota e humilhação.



Com um hiato de mais de três décadas, Trindade (2018) demonstrou que a situação, que nunca foi boa, apenas mudou de formato. Se antes a representação da mulher negra na mídia de massa era motivo de ‘risos’, na era das redes sociais, os usuários, em sua maioria homens jovens, continuam ganhando ‘a autorização’ para se utilizarem apenas de ‘uma brincadeira’ contra as mulheres negras, que representam 81% do número total de vítimas de agressões racistas no *Facebook* entre 2012 e 2016. Como resultado dessa lógica perversa, essa população passa a ser desacreditada e desencorajada, sistematicamente, por meio de ataques e punições que objetivam restabelecer as hierarquias racial e colonial, além da identidade nacional embranquecida, dificultando, assim, a proatividade de outras pessoas negras nas redes sociais.

Entretanto, apesar do ambiente digital ser um espaço adverso para essas mulheres, onde as suas trajetórias são repetidamente desqualificadas e os estereótipos racistas ganham corpo e notoriedade, de forma paradoxal, também tem servido para a expansão e publicização dos seus discursos (Santos, 2018), havendo, dessa forma, um reordenamento das estruturas que envolvem a internet como um campo contraditório de disputas.

Mas se, de um lado, a juventude negra procura reafirmar a resistência em seus discursos, por outro, a tecnologia digital alastra uma racionalidade algorítmica racista, como bem demonstrado por Joy Buolamwini & Timnit Gebru (2018) ao examinarem três sistemas de classificação de gênero com base na observação facial e no tipo de pele. Como resultado desta pesquisa, as duas jovens cientistas negras identificaram que as mulheres de pele mais escura eram classificadas com taxas de erro de até 34,7%, enquanto a taxa de erro para homens de pele clara foi de no máximo 0,8%. Sob esta mesma lógica, Silva & Birhane (2020) avaliaram que o espaço virtual é potencialmente perigoso para ‘pessoas de cor’, onde predominam as microagressões raciais, que incluem conteúdos verbais e comportamentais resultantes em discriminações raciais algorítmicas.

No entanto, essa denúncia das opressões em rede não pode se traduzir no afrouxamento da potência dessas jovens mulheres perante um mundo conectado, pois o esclarecimento dessas condições abre possibilidades para a união de forças em prol de uma luta por representatividade que também abarquem e promovam ações afirmativas. Quando o racismo é reconhecido nas esferas virtual e presencial criam-se possibilidades para o enfrentamento deste tipo de violência (Silva & Birhane, 2020). Neste contexto, cabe afirmar



que o advento e expansão das redes sociais, apesar das controvérsias, têm gerado espaços no debate público com uma forte presença das feministas negras, orientadas por pautas que não envolvem apenas as questões de raça, classe e gênero, mas também sexualidade, território, política, além de outras dimensões que (des)organizam a vida social (Gonzalez, 2020).

Somando-se a isto, deve ser recordado que tem sido negado às mulheres negras o direito de contar suas próprias biografias, o que, por sua vez, as impede de compartilhar e replicar as experiências que lhes representam. Se os únicos conteúdos ofertados provêm dos livros estudados nas escolas, onde os discursos emergem na perspectiva eurocêntrica e colonialista (Malta & Oliveira, 2016), o ciberativismo, para o feminismo negro, abre diversas possibilidades de exploração, subjetivação e de existência. Isso faz com que o curso da história não seja contínuo, e à medida que surgem oportunidades de questionamento, a reinvenção de si torna-se uma ocupação do tempo presente (Rago, 2013).

Em última instância, esse debate tem a intenção de refletir sobre o lugar em que as adolescentes estão situadas, seja no território de vivência, seja no espaço virtual, pois as relações estabelecidas nessas esferas são decisivas para desvendar os sistemas que promovem atitudes racistas, sexistas, misóginas, homofóbicas, entre tantas outras formas de opressão. Além do mais, não pode ser omitido que para as mulheres negras tais comportamentos se traduzem em efeitos muito mais violentos (Gonzalez, 1984), pois ao serem localizadas na zona do não ser, estas mesmas mulheres são entregues ao cuidado colonial que, além de as desumanizarem, ainda retiram suas capacidades de subsistência e existência, ao mesmo tempo em que promove a patologização, a medicalização e a morte como o único caminho (Passos, 2021).

Ademais, combater e relembrar o epistemicídio contra a negritude torna-se uma atitude urgente, uma vez que a branquitude, em sua perspectiva racista, hegemônica, patriarcal e colonial, tende a ler e reproduzir a história das pessoas negras como homogênea e superficial (Adichie, 2019).

### **O caminho só se constrói andando: notas sobre o percurso metodológico**

O presente artigo foi desenvolvido com base em uma abordagem qualitativa, destacando-se a natureza interdisciplinar. A Antropologia, a História, a Linguística, a



Psicologia Social e a Sociologia compuseram o conjunto teórico necessário para conduzir a pesquisa, realizar a coleta e a análise dos dados.

A delimitação do campo de pesquisa não foi aleatória, mas baseada em uma extensa busca de dados sociodemográficos que permitiu identificar que, por um lado, a cidade do Recife é a capital brasileira mais desigual (IBGE, 2020), e por outro lado, é a segunda capital mais conectada à rede mundial de computadores (IBGE, 2019). A busca por dados mais detalhados sobre a distribuição populacional revelou que 62% da população da cidade é composta por negros (IBGE, 2012). Além disso, foi possível observar que nos bairros dos morros da Zona Norte da cidade, essa concentração era ainda mais significativa.

Considerando que a cidade e a região da pesquisa já haviam sido definidas, foi necessário, em seguida, analisar esse território com uma lupa mais precisa. Nesse sentido, Fernandes, Cardoso & Martins (2018) fornecem informações que mostram que o aumento de renda das classes populares que vivem na cidade do Recife teve um impacto significativo na ampliação da aquisição de bens de consumo, como *smartphones* e *tablets*. Portanto, ao cruzar os dados sociais e econômicos (IBGE, 2012), foi possível identificar que o bairro do Alto Santa Terezinha, dentro da zona estudada, apresentava uma das maiores concentrações de moradores negros da cidade, ao mesmo tempo em que também possuía uma renda mensal mais elevada quando comparado aos outros bairros com população majoritariamente negra.

Em relação à seleção do campo de pesquisa, partiu-se da concepção de que as redes sociais são um espaço de socialização e compartilhamento de experiências (Lima & Oliveira, 2020) por grupos semelhantes (ou não), e a escola, com similaridade, torna-se um lugar de interação, ao mesmo tempo que reproduz desigualdades e conflitos, qualificando-a assim como um ambiente ideal para o desenvolvimento da pesquisa. Por fim, e considerando todas as condições citadas, a Escola de Referência em Ensino Médio Professor Mardônio Coelho foi selecionada como o espaço necessariamente adequado para o estudo.

Dentro da escola, tivemos o cuidado de considerar os critérios legais, éticos e conjunturais antes de contatar as participantes do estudo. Assim sendo, a pesquisa se preocupou em lançar um olhar para as adolescentes estudantes autodeclaradas negras, entre 14 e 19 anos, e que possuíam perfil na rede social *Instagram*.

Considerando a diversidade de jovens na escola, foi importante e necessário realizar a seleção a partir da amostragem não probabilística por conveniência, ou seja, o acesso às



participantes mais acessíveis do grupo, e da amostragem por bola de neve, que consiste na captação de novas participantes a partir da indicação do grupo inicial de pesquisa, o que resultou no número final de nove participantes. Este fechamento amostral seguiu as recomendações de Fontanella, Ricas & Turato (2008), que afirmam que a inclusão de novos participantes pode ser suspensa a partir do momento em que os dados obtidos passam a exibir repetição das informações.

Entendendo a pluralidade dos contextos socioculturais das participantes e reconhecendo que o campo de pesquisa era diverso em relação à vivência dos pesquisadores, tornou-se necessário estabelecer uma aproximação com o grupo por meio da técnica da observação participante, a qual se baseou em um método típico da Antropologia: a Etnografia. Nesse sentido, a presença constante dos pesquisadores nas salas de aula desempenhou um papel fundamental no desenvolvimento da observação participante. Durante o período entre outubro de 2021 e maio de 2022 (exceto nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro), os pesquisadores participaram ativamente das aulas de seis turmas diferentes, abrangendo os três anos do ensino médio.

As aulas, as interações nos corredores, os intervalos entre as atividades, os diálogos, as impressões dos pesquisadores, a relação das adolescentes com seus *smartphones*, os próprios adolescentes, professores, profissionais e muitas outras situações compuseram o cenário da observação participante. Nesse contexto, o uso do diário de campo se mostrou indispensável para a sistematização regular das experiências dos pesquisadores. Quanto ao propósito do diário de campo, Kroeff, Gavillon & Ramm (2020) destacam que esse instrumento possui um caráter inacabado, pois permite transformações contínuas e, ao mesmo tempo, possibilita que o pesquisador registre as situações cotidianas sem necessariamente buscar imediatamente explicações ou teorias. São essas situações observadas que proporcionam a apreensão de outros movimentos que se desenrolam no campo de estudo.

Soma-se ao itinerário mencionado acima, a utilização da etnografia digital, a respeito da qual Ferraz (2019) chama a atenção para o fato de que a possibilidade de conexão *online* muitas vezes dissolve os limites entre a vida pessoal e digital do usuário das redes sociais, tornando-se um campo ativo de coleta de dados em tempo integral.

Com a mesma importância das técnicas e instrumentais citados, destaca-se a importância das entrevistas, pois em uma plataforma onde as pessoas frequentemente se



descrevem com emojis e as relações são mediadas por reações próprias do aplicativo (Montardo & Alves, 2023), tornou-se indispensável debater com as próprias participantes os significados e interpretações relacionados aos diversos conteúdos postados. É relevante mencionar que as imagens dessas adolescentes não podem ser expostas neste trabalho, uma vez que, sendo menores de 18 anos de idade, questões legais e éticas não coadunam com a utilização, mesmo que para fins científicos.

Por essa mesma razão, as narrativas das adolescentes foram citadas com nomes fictícios, a fim de assegurar seu anonimato, sendo-lhes atribuídos codinomes de influenciadoras digitais brasileiras que se autodeclaram negras. Seus discursos foram coletados a partir do método da *história oral temática*, que permitiu seu acesso sem grandes dificuldades, pois, como observa Meihy & Holanda (2015, p. 35), "[...] os ajeites, contornos, derivações, imprecisões e até as contradições naturais da fala" que aparecem nas entrevistas garantiram o aprofundamento necessário nas representações das meninas.

Para acessar essas representações através das entrevistas, empregou-se a *Análise do Discurso* a partir das propostas de Eni Orlandi (2002), para quem os significados do discurso devem ser procurados nos sentidos sociais, culturais e políticos atrelados à própria linguagem. Analisando, por sua vez, as formulações discursivas das jovens, procuramos obter, através da *Teoria das Representações Sociais* (TRS), de Denise Jodelet (2001), as imagens mentais que as mesmas construíram sobre suas identidades étnicas, assim como suas autorrepresentações, que serão apresentadas, através dos recortes das sequências discursivas (SD).

Segundo Denise Jodelet (2001), as representações sociais são conhecimentos socialmente produzidos e compartilhados que propiciam aos grupos a construção de uma realidade comum, orientando as formas como os sujeitos constroem e compartilham significados em contextos sociais e culturais específicos. Assim, nossa percepção do mundo e nosso relacionamento com o meio social são inequivocamente moldados pelas representações sociais, uma vez que a forma como pensamos e reagimos a determinados estímulos é notadamente influenciada pela sociedade em que vivemos.

Desse modo, tanto o processo humano de internalização de aspectos da realidade exterior, quanto o próprio produto resultante desse processo, provocam efeitos eminentemente práticos que extrapolam o indivíduo e transformam, através dele, o meio



social (Jodelet, 2001). Diante disso, o contexto comunicativo, incluindo a linguagem, permite que as representações sociais relacionem o sujeito, com base na sua cognição e comportamento, às interações de comunicabilidade e expressão intersubjetivas que possuem intensa relação com o universo cotidiano.

Assim sendo, a elaboração e o funcionamento de uma representação podem ser compreendidos por meio dos processos de objetivação e ancoragem. Neste sentido, a ancoragem é entendida como um “[...] processo de assimilação de novas informações a um conteúdo cognitivo-emocional pré-existente e, a objetivação é a transformação de um conceito abstrato em algo tangível” (Sawaia, 2004, p. 76).

Em relação à objetivação, é importante resgatar o pensamento de Moscovici (1978), o qual descreve que este processo ocorre em três etapas, a saber: seleção construtiva, onde as informações apreendidas são selecionadas, descontextualizadas e reorganizadas a partir de hipóteses construídas; esquema figurativo, onde as hipóteses anteriormente criadas são convertidas em imagens; e, por fim, a naturalização, em que as imagens criadas são legitimadas e relacionadas à realidade.

No entanto, é relevante mencionar que historicamente, as representações sociais não se concentraram principalmente nas representações geradas a partir de imagens, mas sim nas imagens formadas por essas representações (Jodelet, 2015). Em outras palavras, existem objetos que carregam significados que podem estar relacionados tanto à intenção dos criadores quanto à interpretação dos receptores (Jodelet, 2017). Portanto, é fundamental compreender o impacto das imagens nas redes sociais na criação e na assimilação das representações sociais.

Diante disso, a *Teoria das Representações Sociais* torna-se importante para compreender as experiências das adolescentes negras no *Instagram*, pois fornece uma estrutura conceitual para explorar como elas constroem, compartilham e influenciam os significados relacionados às suas identidades, aos seus valores e suas narrativas na era digital. Isso pode ajudar a destacar as complexidades de suas experiências e a promover uma compreensão mais profunda das dinâmicas culturais e sociais que ocorrem nesse contexto específico.

Desta forma, com base na teoria acima descrita, adotou-se o seguinte procedimento para análise das representações sociais: (a) catalogação e descrição imagética das postagens



nos perfis do *Instagram* das adolescentes; (b) realização das entrevistas semiestruturadas com a respectiva transcrição; (c) reconhecimento das principais concepções envolvidas nos processos de ancoragem e objetivação; (d) organização das informações a partir das imagens, discursividades e contradições; e (e) interpretação à luz do enquadramento teórico.

Para alcançar essas imagens mentais através dos sentidos postos nas falas, fizemos amplo uso de reflexões sobre autoimagem de mulheres negras, racismo e representações sociais no Brasil, a partir de uma base epistemológica feminista, com ênfase no pensamento feminista negro de Carla Akotirene (2019), Patrícia Hill Collins (2019), Kimberlé Crenshaw (2002), Conceição Evaristo (2006), Lélia Gonzalez (1984, 2008, 2020), Neusa Santos Souza (2021), bell hooks (2010; 2019) e outras.

O pensamento feminista negro combina o feminismo, que destaca as questões de gênero, com uma compreensão crítica das interseções de raça, classe e outras identidades sociais (Collins, 2019). Ao considerar as experiências únicas das adolescentes desse artigo, essa abordagem ofereceu uma lente interpretativa que revela complexidades muitas vezes negligenciadas, bem como reconhece a necessidade de explorar as formas como o racismo estrutural e o patriarcado impactam de maneira interseccional a vida dessas jovens, proporcionando uma base mais sólida para a análise dos dados. Esse enfoque tem a proposta de publicizar o protagonismo das adolescentes negras, a partir das expressões de suas experiências. Além disso, ao considerar o histórico de opressão e resistência dessas mulheres, a abordagem feminista negra contribui para a contextualização das situações contemporâneas, reconhecendo as heranças do passado.

Por fim, destaca-se que este estudo teve a sua execução autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo seres humanos da Universidade de Pernambuco, conforme registrado sob o CAEE nº 73567617.9.0000.5207, e de acordo com a resolução nº 466/2012 CNS/MS.

### **Entre aspirações e realidades: explorando as experiências das adolescentes negras nas trincheiras das redes sociais**

As trajetórias individuais têm sido divulgadas e, ao mesmo tempo, transformadas nas plataformas *online*. Nesse contexto, Rago (2013) ressalta que abordar o conceito de espaço autobiográfico exige uma expansão das perspectivas e dos meios para construir narrativas. Estas se apoiam em uma cartografia diversificada que abarca memórias, entrevistas, relatos,



correspondências, diários e, na atualidade, o ciberespaço. Adicionalmente, é pertinente assinalar que as expressões autobiográficas convencionais são substancialmente influenciadas pelas disparidades de classe e gênero, onde os discursos hegemônicos masculinos frequentemente obscurecem as vozes femininas e feministas. Portanto, enfatizar essas enunciações e suas subjetividades torna-se uma prioridade inadiável na agenda contemporânea.

Rago (2013) ainda destaca que os discursos confessionais presentes no espaço digital nem sempre se qualificam como uma expressão autobiográfica, uma vez que a atenção direcionada pelo indivíduo busca reforçar sua identidade a partir de uma fonte externa de autoridade. Além disso, narrar sobre si mesmo requer um esforço marcadamente subjetivo, desvinculado das estruturas biopolíticas que moldam as identidades pessoais.

Neste aspecto, Conceição Evaristo (2006) utiliza o conceito de *escrevivência* para descrever a fusão entre a experiência de vida e a expressão literária, especialmente no contexto das mulheres negras que se apropriam da linguagem escrita para expressar suas identidades, memórias, lutas e resiliência. Esta composição narrativa também está profundamente ligada à ideia de uma retomada de visibilidade das representações marginalizadas e à valorização das experiências cotidianas das pessoas negras nas mídias sociais digitais, enriquecendo este cenário com perspectivas únicas e complexas que, anteriormente, eram frequentemente negligenciadas.

De fato, Boni (2018) ressalta que não se pode desconsiderar a crescente digitalização das comunicações, que está em pleno desenvolvimento e apresenta efeitos diversos para diferentes sujeitos. Isso ocorre porque o novo ambiente virtual demonstra características distintas em comparação com os meios de comunicação tradicionais. Ou seja, o *ethos*, o *habitus* e as competências passam a se manifestar de maneira única. Visto que em uma estrutura que é paradoxal, vemos, por um lado, a conformidade e a reprodução da ordem social e, por outro, a constante reinvenção dos espaços cotidianos.

Dessa maneira, enquanto as plataformas digitais representam uma poderosa ferramenta para desafiar a mídia dominante, elas também expõem seus utilizadores à influência de padrões imitativos. Nesse contexto, ocorre uma reconfiguração pelas adolescentes do conceito de performatividade de Judith Butler (2010). Ela apresenta a categoria gênero como uma reencenação de um conjunto de significados já estabelecidos



socialmente que incidem sobre a introjeção de valores, constituindo-se em uma prática, sobretudo, discursiva, onde o corpo é visto como o elemento central para o surgimento do ato performativo, através de atos, gestos e atuações.

Além das práticas performativas, nas plataformas virtuais, a autonarrativa, conforme sugerida por Rago (2013), ganha destaque. Estamos, afinal, imersos na era do compartilhamento, em vez da simples narração. Não é coincidência que as aspirações da juventude e seus métodos de autorrepresentação estejam experimentando mudanças. Como exemplo desse fenômeno, uma pesquisa conduzida pelas empresas *The Harris Poll* e *LEGO* (2019) revelou que o interesse de crianças dos Estados Unidos, Inglaterra e China em se tornarem influenciadores digitais no *YouTube* é aproximadamente três vezes maior do que o desejo de se tornarem astronautas, com percentuais de 29% e 11%, respectivamente. Isso demonstra claramente que as redes sociais têm alterado a perspectiva dos seus usuários, que passam a ‘habitar’ um espaço permeado por generalizações, o qual é construído com base na exploração e visualização de imagens, que frequentemente funcionam como um ponto de referência para comparações mútuas (Veja, 2019).

Assim, para os adolescentes que estão em um estágio contínuo de amadurecimento, as plataformas de redes sociais desempenham uma dualidade na validação de sua inclinação narcisista. Esses jovens procuram consumir conteúdos que atendam e agradem aos seus próprios anseios. Esse conteúdo, por sua vez, é produzido por indivíduos já estabelecidos no contexto também narcisista de ‘aparecer e parecer’, os denominados influenciadores digitais. Em última instância, quando uma considerável quantidade de seguidores é atraída para o consumo de um conteúdo autoral apresentado com uma linguagem específica por outro usuário, esse último transcende o *status* de produtor de mídia para se tornar um influenciador digital (Nobre; Abrantes; Silva, 2019), assumindo, desse modo, o papel de moldar ou remodelar as opiniões dos indivíduos (Araujo, Neijens & Vliegenthart, 2017).

Dessa forma, descortinam-se semelhanças com as perspectivas discutidas neste artigo, uma vez que cinco das nove adolescentes entrevistadas também exploraram a possibilidade de seguir a trajetória de influenciadora digital. Essa aspiração compõe o imaginário de uma parcela do grupo investigado, tornando-se um componente das estruturas das representações sociais sobre o assunto em foco.



Essas reflexões foram consideradas para análise do cenário comunicativo entre pesquisadores e adolescentes, no qual Magá Moura fez emergir a primeira sequência discursiva (SD) examinada neste artigo. Constituído-se como um diálogo notadamente detalhado, houve, por consequência, a necessidade de se empreender uma análise minuciosa e em segmentos distintos:

SD 1: Porque eu tô criando mais conteúdo... nessa que mainha colocou internet pra mim, aí está mais fácil de postar as coisas aqui na escola... Eu acho que quanto mais a pessoa foca no *Instagram*, posta conteúdo, o povo vai acompanhando e acompanhando a pessoa porque sempre tá lá... E ao decorrer que a pessoa para... assim de postar coisa, o *Instagram* não entrega muito os stories da pessoa. Mas como eu tô frequentemente postando coisas, aí povo tá vendo mais... (Magá Moura).

Dentre todas as adolescentes, Magá é a mais jovem, com 15 anos, e, ao mesmo tempo, a mais imersa na criação de conteúdo digital. Segundo ela mesma, essa postura foi facilitada pelo acesso à *internet* por meio de dados móveis (SD 1), sendo notável que, dentre todas as participantes do estudo, era a única com disponibilidade deste serviço. Desde o princípio, a adolescente demonstra estar atenta às dinâmicas da *internet* e à estratégia necessária para assegurar sua visibilidade: manter uma presença ativa na postagem de conteúdo.

Segundo Gomes *et al.* (2021), as disputas por visualizações e *likes* passam a reger os laços que se organizam em torno da imagem, da exibição e da requisição do olhar, onde as redes sociais, como o *Instagram*, constituem veículos que incitam os sujeitos a uma posição subjetiva particular frente ao outro. No caso de adolescentes negras, a busca pela visibilidade pode significar uma extensão dos limites estabelecidos pelas estruturas de opressão. De acordo com Audre Lorde (1984, p. 42), “[...] a transformação de silêncio em linguagem e ação é um ato de autorrevelação que parece sempre cheio de perigos... [ainda] que a visibilidade que nos torna mais vulneráveis é também a fonte de nossa maior força”.

Ainda cabe citar que a tática empregada por Magá tem se mostrado muito eficaz no ambiente *online*, como observado por Almeida *et al.* (2018), onde a dinâmica adotada pelos influenciadores, que estabelecem laços positivos com seus seguidores, tem grande potencial para promover empresas. Em outras palavras, pode se configurar como uma fonte de renda efetiva para esta nova era de profissionais. Isso é evidenciado já na primeira parte da fala, indicando que Magá tem adotado uma postura voltada para a profissionalização.

SD 2: [...] (posto) o dia a dia na escola. Quando eu chego em casa... quando o povo manda tipo postar reels, foto, essas coisa [...] quando eu saio..., mas agora eu estou



focando mais em tipo ficar visível. Tipo o povo me conhecer... Não sei. Eu ainda tô tentando me enxergar, que ultimamente tô me sentindo muito ofuscada. Não sei o porquê, mas eu estou [...], Mas eu estou focando em fazer cabelo... é ... meu dia a dia e vou começar a fazer... me aprimorar... e com maquiagem... é... pra ver onde vai dar (Magá Moura).

Na sequência discursiva 2, a jovem menciona que já está adotando uma espécie de ‘linha editorial’, evidenciando que está trilhando o caminho da profissionalização em suas atividades *online*. No momento, sua ênfase tem sido em compartilhar sua rotina como uma estratégia para manter a fidelidade de seus seguidores. Nesta perspectiva, torna-se evidente que a audiência é o fundamento para as escolhas de conteúdo que circulam e para a manutenção de comportamentos nas redes sociais, considerando a conexão e continuidade entre as experiências das esferas da realidade e as do espaço digital (Ew *et al.*, 2018).

Vale a pena destacar que a adolescente introduz um questionamento sobre sua própria identidade no contexto de sua atuação nas redes sociais, ponderando sobre a intenção de alcançar prestígio e popularidade, enquanto, simultaneamente, sente a necessidade de ‘se enxergar’. Como bem aponta Oyèrónké Oyèwùmí (2021), o corpo tem sido usado como chave para situar as pessoas no sistema social ocidental. Contudo, a posse ou ausência de certas partes desse corpo, entendido sempre como social, inscreve diferentes privilégios ou desvantagens sociais. No mesmo contexto ocidental, as identidades sociais são todas interpretadas através do ‘prisma da hereditariedade’, em outras palavras, existe a falsa ideia de que o determinismo biológico seja um filtro para explicar todo o conhecimento de funcionamento da sociedade.

Desse modo, se o corpo do homem legitima e credita os seus enunciados, o corpo de uma mulher o afasta dos dela, ou seja, a discursividade de Magá, além de tudo, denuncia o apagamento histórico da visibilidade das mulheres negras. Concluindo esta parte do discurso, Magá exprime sua aspiração de aprimorar a criação de conteúdo específico na plataforma *online*, almejando conquistas na mídia social.

SD 3: [...] A pessoa tipo juntar 2000 pessoas, tipo, no mesmo lugar, eu acho que tu considerava muito... pra quem tipo há três anos atrás só tinha duzentos e pouco e agora tem 2534... é muito... Tipo, é o povo da região [...] tipo que segue... aí conversava comigo, tipo na época que eu estava solteira, aí conversava comigo e tal, a gente marcava pra se ver... se conhecia, aí no decorrer eu fui conhecendo muita gente. Se trombava na rua, aí falava ‘oh é do *Instagram*, né?’ Eu falava ‘é...é...’ [...] tem vez que eu me sinto envergonhada (com os comentários), que foi lá tipo, vendo que o povo acha bonita e eu não acho essa beleza toda não. Eu acho um básico (Magá Moura).



SD 4: (Quando paro de postar) o engajamento cai. Tipo a visibilidade cai, tipo da pessoa. Meus stories, tipo meio-termo, batem umas 800 pessoa. É... umas 800 pessoa. Bate mais 1000 no final de semana. Mas tipo na semana bate umas 800 pessoa. Aí quando eu passo um, dois dia, já cai pra 500, 450... eu vejo no momento que cai porque o *Instagram* não entrega muito não, os stories não (Magá Moura).

O discurso presente na SD 3 e SD 4 está diretamente ligado ao conceito pós-moderno de *lugar e não-lugar* introduzido por Marc Augé (1994). Segundo o autor, um lugar é um espaço carregado de significado, história e identidade, onde as pessoas cultivam relações interpessoais densas, e suas experiências são intensamente influenciadas pelo contexto cultural e social. Esses espaços são caracterizados por elementos distintivos, como tradições, memórias compartilhadas e um sentimento de pertencimento. Em contraste, os não-lugares são ambientes transitórios e impessoais, projetados principalmente para atender a necessidades práticas e funcionais.

Revela-se também nos discursos acima, de maneira significativa, a noção de *território*, que se refere a um espaço geográfico organizado através de processos políticos (Gottmann, 2012). Para Magá, o *Instagram* representa uma extensão do espaço territorial *offline*, pois ela o percebe como um ‘lugar’ onde há a oportunidade de conectar pessoas a partir de uma intencional construção de redes de sociabilidade. No entanto, é inegável afirmar que as interações nesse espaço são frágeis e não possuem uma estrutura mutuamente sólida. De maneira análoga a um jogo de tabuleiro, é possível comparar cada usuário a um mero número que compõe o quadro de 2534 seguidores.

Além disso, Magá busca justificar que esse território virtual lhe permitiu conhecer muitas pessoas. Entretanto, surge uma contradição quando ela menciona que essas mesmas pessoas a reconheciam nos momentos em que ela circulava pela região onde vive, sugerindo uma discrepância entre o mundo *online* e o mundo *offline*. Tal fato evidencia a fantasia de uma divisão entre o mundo real e o virtual, na qual é possível levar vidas paralelas que não se influenciam mutuamente, em contraste à concepção de que estas são dimensões entrelaçadas e permeáveis que constituem e modelam subjetividades (Hasky & Fortes, 2022).

Outro elemento relevante trazido pela adolescente está diretamente ligado ao que já vem sendo trabalhado pela literatura científica: a questão da autoestima e autoimagem (quando não se percebe tão bonita como os outros a veem) e sua correlação com as redes sociais. Um estudo conduzido pela *Royal Society For Public Health* (Reino Unido, 2017) avaliou que o *Instagram* é a plataforma mais prejudicial para a saúde dos jovens entre 14 e 24



anos. Isso ocorre porque essa rede social, ao enfatizar experiências de ‘vida perfeita’ como norma, leva os adolescentes que não conseguem alcançar esse padrão a enfrentar problemas de autoestima, ansiedade e outros transtornos mentais.

Outro estudo com adolescentes, em outra rede social, evidenciou a preocupação dos jovens em relação a sua imagem pela percepção dos outros, o que resultava em um movimento de caracterização de si a partir de postagens que tivessem avaliação positiva da audiência, avaliada por eles por meio de curtidas e comentários de concordância (Ew *et al.*, 2018).

No caso das adolescentes negras, os desafios apresentam tramas ainda mais complexas. A exposição *online* pode torná-las alvos de discriminação, assédio, racismo e ódio virtual. Comentários ofensivos, memes insensíveis e até ameaças podem minar a autoestima e gerar um ambiente hostil. Além disso, a pressão para se destacar em meio a uma vastidão de conteúdo *online* muitas vezes pode ser mais intensa, com a sensação de que precisam superar barreiras adicionais para receber reconhecimento e validação. No caso da adolescente Magá, não reconhecer a sua própria beleza parece demonstrar o impacto, sobre os corpos negros, de vivências moduladas pelo racismo desde muito cedo.

Segundo Souza (2021), esses corpos racializados sucumbem à ideologia do branqueamento de maneira que rejeitam os próprios corpos, uma vez que não conseguem reconhecer sua beleza, sua dignidade e o seu valor, minando, assim, a autoafirmação da comunidade negra. Corroborando com esta reflexão, hooks (2010) denuncia os impactos do colonialismo e do sistema de classificação racial na capacidade de negras e negros de amar mediante a interiorização das práticas racistas e do sentimento de inferioridade, assim como Lélia Gonzalez (2020), que argumentava que a sociedade brasileira, historicamente, promoveu estereótipos negativos sobre as mulheres negras, o que afeta a autoimagem e autoestima.

A busca pela visibilidade também levanta questões sobre a autenticidade. As adolescentes negras muitas vezes precisam equilibrar a exposição de aspectos pessoais de suas vidas com o desejo de desafiar estereótipos e representar sua cultura de maneira positiva. A luta entre ser autêntica, e ao mesmo tempo, proteger-se contra possíveis julgamentos pode ser emocionalmente desgastante:



SD 5: E às vezes eu também penso em não crescer, porque eu vejo que quando a pessoa, tipo, tem muita visibilidade e tals é muito cobrado. Tipo... 'ah aparece'... aí aparece, ou tipo a pessoa tem algum erro e o povo trata como a pessoa não pudesse errar... tipo ali, aí você não pode errar e você tem que aparecer, aí 'você tem que fazer isso e isso' e eu quando tô na pressão, eu não funciono muito bem não (Magá Moura).

Na conclusão da SD 5, a adolescente Magá encerra sua exposição delineando os potenciais danos que a plataforma acarreta para os influenciadores digitais. Ela se mostra apreensiva em relação à sua visibilidade no espaço digital, uma vez que receia sobre as possíveis demandas impostas e os impactos negativos em sua saúde mental. Fato que retoma a luta constante contra a discriminação racial e a desigualdade presentes na plataforma digital, reforçados pelos simbolismos pejorativos associados aos sujeitos negros, sobretudo às mulheres negras, que podem resultar em um fardo emocional significativo para as suas subjetividades (Souza, 2021; Gonzalez, 2020). Nesse ponto, é crucial observar que a abordagem de Magá exhibe certas sutilezas que a distinguem de Iza:

SD 6: Ah... eu queria ser famosa, sabe? Pra pessoa chegar assim e dizer 'oh é aquela menina do *Instagram*' [...], mas se eu tenho aquela quantidade ali do pessoal que viu, né... então tá bom [...] (Magá Moura).

SD 7: Eu queria ser influencer... Eu acho bom, né? (a ideia de ser influencer) Eu acho bom, mas tem vezes que algumas pessoas se envolvem em muita polêmica (Iza).

É relevante observar que as declarações das adolescentes entrevistadas seguem um padrão discursivo que inclui o dispositivo analítico da negação. Com frequência, elas demonstram interesse em progredir profissionalmente no espaço digital, ao mesmo tempo em que apresentam justificativas para a falta de popularidade de seus perfis no *Instagram*. Esse padrão é ilustrado de maneira notável por figuras como Thelma Assis (SD 8) e Bela Gil (SD 9), sendo evidente que esta última adota um discurso bastante semelhante ao de Iza. O discurso de Iza sobre seguir a carreira digital contém contradições evidentes, pois, ao mesmo tempo em que almeja despontar no *Instagram*, também busca justificativas para si mesma pelo suposto insucesso. Ora demonstra conformismo por ter um número aceitável (para si) de seguidores, ora aponta as problemáticas possíveis para quem usa a rede profissionalmente. Todavia, fica evidente que o seu desejo explícito é de fato alcançar a fama na rede.

SD 8: Eu já cheguei em 1000 (seguidores) já, mas desistiram de mim, literalmente [...] Eu acho na média, mas tô tão interessada assim não, porque pra mim seguidores não importa. Importa só a felicidade que eu mostro pra todo mundo (Thelma Assis).



SD 9: Eu tenho 1050, se eu não me engano... um número aceitável... até porque foi bem difícil de eu conseguir pelo menos 1000 seguidores. Eu tenho o meu *Instagram* há três anos, eu acho. Faz tempo, e só veio chegar em 1000 agora... hoje em dia pra mim número é razoável. Entendeu? Não ligo muito para essa questão hoje em dia (Bela Gil).

No discurso abaixo, é perceptível uma elaboração detalhada a respeito do desejo de Thelma. Ela menciona que já tentou ganhar destaque como influenciadora digital, porém, admite que sua maior dificuldade em prosperar na plataforma está relacionada à sua limitação na criação de conteúdo voltado para o público. Thelma percebe que, para ter êxito no ambiente *online*, é crucial se posicionar em nichos específicos. Ela reflete sobre a aspiração de produzir um conteúdo único, mas pouco explorado. Implícita em suas palavras está a noção de que tanto a criatividade quanto a profissionalização são elementos decisivos para se estabelecer como uma influenciadora digital no *Instagram*.

SD 10: Eu já tentei (ser influencer). Já tentei. Não consegui não. Eu acho que eu não tenho esse potencial pra ser influencer, entendeu? Porque eu mal fico mexendo no *Instagram* e eu não sei o que postar, não sei o que falar como influencer, entendeu? Eu queria aprender isso, porque eu não sei fazer isso de influencer, não... É de produzir algum conteúdo... eu não consigo... era sobre isso de digital influencer, uma coisa que eu não sei fazer. Eu queria pelo menos um conteúdo pra isso (Thelma Assis).

Concluindo a análise dos discursos relacionados a este tema, Camilla de Lucas também expressa que já almejou alcançar reconhecimento no *Instagram*. No entanto, assim como as outras entrevistadas, há razões pelas quais ela desistiu da carreira digital. Na última passagem que aborda esse assunto, a jovem oferece uma crítica contundente ao formato existente na plataforma, compreendendo que os comportamentos adotados pelos influenciadores não são autênticos, uma vez que são compelidos a simular uma espécie de empatia com seus seguidores e a atender às expectativas de agentes e possíveis colaboradores. Camilla, por fim, aponta que essas exigências, que poderiam prejudicar sua saúde mental, devem, portanto, ser evitadas.

SD 11: Antigamente pensava muito nisso, de querer ser famosinha no *Instagram*, essas coisas assim, mas depois eu... oxe... desisto [...] Porque eu acho que eu não sirvo para essa não. De tá todo dia 'oi, gente, bom dia, não sei o que ... boa tarde, como vocês estão?' Dá para mim não, e tempo que eu não tenho... Acho que eu queria não, porque as vezes bate uma loucura e eu fico querendo desapegar do celular. Imagina você tem um compromisso com uma mulher. Aí ela: 'Você tem que postar hoje'. Aí dá uma loucura assim, ah, num quero não (Camilla de Lucas).

O cuidado com a saúde mental das mulheres negras foi um assunto destacado por Lélia Gonzalez (2019), que evidenciou as interseções entre opressões e como as estruturas



sociais impactam a saúde mental das pessoas, particularmente, negras. Ela ressaltava como o racismo, o machismo e outras formas de discriminação podem afetar profundamente a autoestima, a autoimagem e o bem-estar emocional dessas mulheres. Ao explorar esses temas, Gonzalez desafiou as narrativas dominantes e levantou questões vitais sobre a importância de reconhecer e cuidar da saúde mental. Um dos aspectos centrais de seu pensamento enfatizou a necessidade de autenticidade e autoafirmação, que hoje são fundamentais nas redes sociais digitais. Ela evidenciava a importância de as mulheres negras se valorizarem e se aceitarem como são, resistindo às pressões sociais de conformidade.

Neste sentido, Neusa Santos (2021) aprofunda sua análise quando evidencia os efeitos psíquicos e o custo emocional do racismo a partir da análise da introjeção do pensamento racista do “complexo de inferioridade” diante do padrão branco na formação das subjetividades de indivíduos negros, com consequente efeito psíquico de sentimento de culpa, inferioridade, defesa fóbica e depressão. Tais reflexões das autoras, como o apelo à autenticidade e as consequências subjetivas da ideologia de branqueamento, estão diretamente conectadas à saúde mental e, mesmo em um contexto diferente das ativistas, o fato torna-se transcendente à atualidade, pois a negação de identidade e a supressão de emoções podem resultar em danos psicológicos.

Em um estudo destinado a explorar os impactos dos influenciadores digitais na construção da identidade de adolescentes, Nobre, Abrante & Silva (2019) chamam a atenção para a forma como os produtores de conteúdo digital compreendem e compartilham suas vidas, frequentemente com informações imprecisas e não seguras. Isso coloca os jovens em um ambiente excessivo de consumo de opiniões pré-moldadas, o que pode influenciar a construção de suas identidades. No caso das adolescentes abordadas neste artigo, é decisivo resgatar a informação de que o ciberespaço tem atraído muitos para a busca por visibilidade e reconhecimento, a exemplo das mulheres negras que buscam ocupar e moldar os espaços comunicativos.

A apropriação de uma existência discursiva que, historicamente, tem sido uma ferramenta de controle e dominação por grupos hegemônicos (Borges, 2020). Bem como ensina bell hooks (2019), a fala é um ato de resistência que desafia políticas de dominação e um ato de coragem que se configura em uma ameaça, e o que é ameaçador deve ser necessariamente apagado, aniquilado e silenciado. Desse modo, em um mundo que



frequentemente silencia as vozes dissidentes, a autora enfatiza a importância da expressão, dos questionamentos e da busca da verdadeira transformação social, o que pode proporcionar às jovens negras a capacidade de desafiar as narrativas predominantes e amplificar suas vozes marginalizadas.

Além disso, é importante ressaltar que a fala, a cultura e a arte, que podem também ser expressas e disseminadas nas redes sociais, têm se tornado uma fonte de resistência para diversos grupos minorizados. No entanto, quando se trata das adolescentes, seus discursos não evidenciam a promoção de estratégias poderosas que confrontem as estruturas de poder e opressão. Vale ressaltar que a visibilidade de um corpo negro nas redes sociais expressa um espaço de confrontação com essas estruturas. Através da afirmação do corpo como espaço político, a população negra pode resistir à marginalização, ao apagamento histórico e à negação de suas raízes culturais, com destaque para importância do corpo como uma arena de luta, resiliência e afirmação cultural (Nascimento, 2022), assim como o esforço de desmistificar as imagens de controle impostas às mulheres negras (Collins, 2019). Entretanto as adolescentes parecem não identificar seu corpo como um ponto de partida para a reivindicação de espaço, identidade e história.

Por último, é pertinente destacar que o ambiente digital, que promove a construção de narrativas perfeitas e solitárias, abriga o fenômeno que melhor expressa o conceito de “excelência negra” (*black excellence*), que, embora englobe e celebre as experiências e conquistas de indivíduos negros, frequentemente também reforça as noções estereotipadas de individualismo e elitismo enraizadas na cultura dominante branca (Sobande, 2019).

Para Souza (2021), a complexa dinâmica da busca pela excelência entre os negros em uma sociedade marcada pelo racismo estrutural criou uma pressão adicional para que eles se esforçassem a serem os melhores em diversas áreas. Esse imperativo de excelência surge da necessidade de provar o próprio valor e superar as expectativas negativas associadas à sua raça mediante à uma vigilância constante. Souza ainda traz à tona como esta expectativa coloca um fardo desproporcional sobre os ombros dos negros, o que pode resultar em uma tensão psicológica, emocional e física para estas adolescentes, além de perpetuar a ideia de que os corpos negros precisam ‘se esforçar o dobro’ para serem reconhecidos e respeitados.

## **Considerações Finais**



A discussão acerca dos reflexos, contribuições e impactos das redes sociais sobre os seus usuários tem sido disseminada amplamente nos diversos meios de comunicação. Entretanto, no decurso deste artigo, foi possível constatar que os debates existentes, em sua maioria, se restringiram a análises genéricas sobre o assunto. Quando isso não acontece, as investigações sobre os impactos das plataformas sociais tendem a se basear em dados estatísticos. No entanto, a apreensão da discursividade e do contexto em que esses usuários estão imersos revela-se inalcançável caso não se busquem os sentidos e significados que emanam da linguagem.

Ao considerarmos o público-alvo deste artigo, ou seja, as adolescentes negras, defrontamo-nos com a escassez de estudos que se debruçaram sobre a compreensão da maneira pela qual essas jovens se apresentam, representam e performam nas telas de seus *smartphones*. Assim, é fundamental destacar que a abordagem epistemológica e metodológica deste artigo não visa produzir generalizações acerca de um conjunto amplo de pessoas, mas, em primeiro plano, busca chamar a atenção para um fenômeno e, secundariamente, procura pavimentar o caminho para análises análogas em diferentes localidades, tendo em vista que sua validade é corroborada por meio da diversidade discursiva.

No contexto específico do uso das redes sociais, o *Instagram* tem emergido como uma plataforma repleta de recursos tecnológicos destinados à construção de um eu voltado ao narcisismo. Isso se evidencia tanto através do incessante consumo de conteúdo de influenciadores que projetam o ideário de ‘vida perfeita’, quanto pela disponibilização de ferramentas para o aprimoramento da aparência, exemplificada pelos filtros. A partir dos discursos das adolescentes, o *Instagram* se revela como um palco central para a busca de visibilidade e expressão pessoal mediante a ausência de uma autorrepresentação corporal positiva e aos ensaios de profissionalização. Reunindo-se a isso, para essas adolescentes negras, a jornada é frequentemente acompanhada por desafios únicos e nuances importantes.

A busca pela visibilidade *online* para essas jovens não se trata apenas de compartilhar interesses e conquistas, mas também de desafiar estereótipos, reivindicar espaços e construir uma narrativa autêntica diante dos anseios de uma suposta audiência. Tais elementos têm exercido um impacto notório na autoestima das adolescentes, pois frequentemente



contribuem para a formação de uma autopercepção desfavorável, particularmente no que concerne às suas características estéticas negras.

Por fim, ao considerar que cada palavra que pronunciamos e cada passo que damos estão intrinsecamente ligados ao nosso contexto enquanto agentes sociais, é possível concluir que as experiências singulares das adolescentes negras em ambiente virtual, diante das ações e interações sociais que empreendem, de certa forma, fundamentam as representações sociais que emergem. Diante disso, o pensamento feminista negro emerge como uma abordagem crucial para a análise de dados contextualizada às situações contemporâneas, a partir de uma lente de análise que expõe as intrincadas nuances frequentemente ignoradas, assim como reconhece a importância de examinar como as estruturas de poder subjacentes impactam de maneira interseccional a vida dessas jovens. Desse modo, adentrar na compreensão individual de cada adolescente, na medida do possível, mostrou-se fundamental para interpretar as construções discursivas e apreender a realidade em questão.

Neste contexto, as teóricas negras podem desempenhar um papel essencial na promoção da autoestima e no empoderamento das adolescentes negras. Essas pensadoras desafiam estereótipos raciais e de gênero que se perpetuam por meio da marginalização, ao passo que enfatizam a diversidade de experiências dentro da comunidade negra, as quais se mantêm atuais para aplicabilidade epistemológica no mundo digital. Além disso, analisam e denunciam as formas de opressão racial e de gênero, conscientizando as mulheres negras sobre as desigualdades enfrentadas e fornecendo ferramentas para a resistência em diversas fases da vida. Suas contribuições têm sido fundamentais para promover a autoaceitação, a autovalorização e a solidariedade entre elas.

Assim, as teóricas negras inspiram uma visão mais abrangente e positiva da identidade das mulheres negras, capacitando-as para enfrentar as desigualdades sistêmicas, além de contribuir para a mudança social. Portanto, suas ideias, que têm funcionado como chave analítica, continuam sendo uma importante referência na discussão sobre identidade e autoestima dessa população.

## Referências

Adichie, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.



Akotirene, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

Almeida, Marcos Inácio de Severo; Coelho, Ricardo Limongi França; Camilo-Junior, Celso Gonçalves & Godoy, Rafaella Martins Feitosa de. Quem lidera sua opinião? Influência dos formadores de opinião digitais no engajamento. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 22, p. 115-137, 2018.

Araújo, Marta & Rego, Liana. 2018. É urgente incluir mais mulheres (negras) no universo da tecnologia. Geledés: Instituto da Mulher Negra. **Geledés** 2018.

Araujo, Theo; Neijens, Peter & Vliegenhart, Rens. Getting the word out on Twitter: The role of influentials, information brokers and strong ties in building word-of-mouth for brands. **International Journal of Advertising**, v. 36 n. 3, p. 496-513, 2017.

Augé, Marc. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papyrus, 1994.

Boni, Jiani Adriana. Dos meios às mediações: chaves epistêmicas, teóricas e metodológicas legadas à pesquisa de recepção. **Intexto**, n. 43, p. 59-73, 2018.

Borges, Rosane. O papel das mídias negras na implosão de imaginários. *In: Mapeamento de mídia negra no Brasil*. Fórum permanente pela igualdade Racial, 2020.

Buolamwini, Joy & Gebru, Timnit. Gender shades: Intersectional accuracy disparities in commercial gender classification. *In: Conference on fairness, accountability, and transparency*. **PMLR**, p. 77-91, 2018.

Butler, Judith. **Problemas de gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2010.

Collins, Patrícia Hill. **Pensamento feminista negro**. Conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

Crenshaw, Kimberlé. Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero. **Revista Estudos Feministas**, n. 10, v. 1, p. 171-188, 2002.

Damascena, Quencia Silva & Miranda, Eduardo Oliveira. Caminhos Identitários: contribuições de Kabengele Munanga na construção da identidade negra positiva. **Revista De História da UEG**, v. 7, n. 1, p. 145-155, 2018.

Davis, Angela. As Mulheres Negras na Construção de uma Nova Utopia. Conferência realizada no dia 13 de dezembro de 1997 em São Luís (MA) na Ia Jornada Cultural Lélia Gonzales, promovida pelo Centro de Cultura Negra do Maranhão e pelo Grupo de Mulheres Negras Mães de Andreza. **Geledes**, 2011.

Evaristo, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.



Ew, Raquel de Andrade Souza; Hamann, Cristiano; Gomes, Gustavo Affonso; Pizzinato, Adolfo & Rocha, Kátia Bones. Mídias sociais: construção de narrativas de si de adolescentes. **Psicologia & Sociedade**, v. 30, p. e169654, 2018.

Fernandes, Raquel de Aragão Uchoa; Cardoso, Sara Azevedo & Martins, Marcelo Machado. Representações e significados do consumo de internet para famílias de classes populares em Recife. **Locus**, 368-385, 2018.

Ferraz, Cláudia Pereira. A etnografia digital e os fundamentos da antropologia para estudos qualitativos em mídias online. **Aurora**, v. 12, n. 35, p. 46-69, 2019.

Fontanella, Bruno José Barcellos; Ricas, Janete & Turato, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, v. 24, n. 1, p. 17-27, 2008.

Gomes, Alice Chaves de Carvalho; Pedrosa Filho Raimundo Benone de Araújo & Teixeira, Leônia Cavalcante. Nem ver, nem olhar: visualizar! Sobre a exibição dos adolescentes nas redes sociais. **Ágora: estudos em teoria psicanalítica**, v. 24, p. 91-99, 2021.

Gonzalez, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Gonzalez, Lélia. "Mulher negra". In: Nascimento, Elisa Larkin.(Org.). **Guerreiras de natureza: mulher negra, religiosidade e ambiente**. São Paulo: Selo Negro, 2008.

Gonzalez, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, p. 223-244, 1984.

Gottmann, Jean. A evolução do conceito de território. **Boletim campineiro de Geografia**, v. 2, n. 3, p. 523-545, 2012.

Hasky, Flávia & Fortes, Maria Isabel de Andrade. Desconstruindo polarizações acerca da internet: entrelaçamentos entre os universos online e off-line. **Revista Psicologia em Pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 1-21, 2022.

hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. Vivendo de amor. Trad. Máisa Mendonça. **Geledés**, 2010.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **PNAD**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.



IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Trabalho infantil cai em 2019, mas 1,8 milhão de crianças estavam nessa situação.** IBGE, 2020.

Jodelet, Denise. **Representações sociais e mundos de vida.** Paris: Éditions des archives contemporaines; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2017.

Jodelet, Denise. Representações sociais: um conceito em expansão. In: Jodelet, Denise (Org.) **As representações sociais.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

Jodelet, Denise. **Représentations sociales et mondes de vie.** Editions des Archives Contemporaines, 2015.

Kroef, Renata Fischer da Silveira; Gavillon, Póti Quartiero & Ramm, Laís Vargas. Diário de Campo e a Relação do (a) Pesquisador (a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 20, n. 2, p. 464-480, 2020.

Lima, Dulcilei & Oliveira, Taís. Negras in tech: Apropriação de tecnologias por mulheres negras como estratégias de resistência. **Cadernos Pagu**, n. 59, p. 2-33, 2020.

Lorde, Audre. **Sister Outsider.** Freedom: The Crossing Press, 1984.

Lugones, María. Colonialidad y género. In: Miñoso, Yuderlys Espinosa; Correal, Diana Gómez & Muñoz, Karina Ochoa Muñoz (Ed.). **Tejiendo de otro modo: Feminismo, epistemología y apuestas descoloniales en Abya Yala.** Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2014. p. 57-73.

Malta, Renata Barreto & Oliveira, Laila Thaíse Batista de. Enegrecendo as redes: o ativismo de mulheres negras no espaço virtual. **Gênero**, v. 16, n. 2, p. 55-69, 2016.

Matta, Maria Cristina. Comunicación y ciudadanía. Problemas teórico-políticos de su articulación. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 8, n. 1, 2006, p. 5-15.

Meihy, José Carlos Sebe Bom; Holanda, Fabíola. **História oral:** como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2015.

Montardo, Sandra Portella & Alves, Magalí. Configuração de performance no Instagram stories com selfies: análise de usos. *Animus*. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, v. 22, n. 48, 2023, p. 353-372.

Moscovici, Serge. **A Representação social da psicanálise.** Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

Munanga, Kabengele. Identidade, cidadania e democracia: algumas reflexões sobre os discursos anti-racistas no Brasil. In: Spink, Mary Jane Paris (Org.) **A cidadania em construção: uma reflexão transdisciplinar.** São Paulo: Cortez, 1994, p. 177-187.

Nascimento, Maria Beatriz. **O negro visto por ele mesmo.** São Paulo: Ubu Editora, 2022.



Nobre, Thalita Lacerda; Abrantes, Luciana Pereira & Silva, Carla Carolina. The impact of digital influencers on adolescent identity building. **IROCAMM-International Review Of Communication And Marketing Mix**, v. 2, n. 2, p. 32-40, 2019.

Oliveira, Fátima. Ser negro no Brasil: alcances e limites. **Estudos avançados**, v. 18, p. 57-60, 2004.

Orlandi, Eni Puccinelli. A análise de discurso e seus entre-meios: notas a sua história no Brasil. **Cad. Est. Ling**, v. 42, p. 21-40, 2002.

Oyèwùmí, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais LTDA, 2021.

Passos, Rachel Gouveia. O lixo vai falar, e numa boa!. **Revista Katálysis**, v. 24, p. 301-309, 2021.

Quijano, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: Lander, Edgardo (Org). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires, Colección Sur Sur, 2005. p. 118- 142.

Rago, Margareth. **A aventura de contar-se**: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

Reino Unido. Royal Society for Public Health. [Instagram ranked worst for Young people's mental health](#), 2017.

Santos, Céres Marisa Silva dos. La apropiación de las TIC por mujeres brasileñas. In: Ferrera, Abraham Mena & Pablos, Esperanza Tuñón (Cord.). **Género y TIC**. San Cristóbal de Las Casas: Ed. Ecosur, 2018, p. 103-136.

Sawaia, Bader Burihan. Representação e ideologia – o encontro desfeticizador. In: Spinky, Mary Jane P. (Orga.). **O conhecimento no cotidiano**: as representações sociais na perspectiva da psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 73-84.

Silva, Tarcízio & Birhane, Abeba. (Ed.). In: Silva, T. **Comunidades, algoritmos e ativismos digitais**: Olhares afrodiaspóricos. São Paulo : Consultoria Editorial - LiterARUA, 2020.

Silva Tomaz Tadeu da (organizador). **Identidade e diferença** – a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

Sobande, Francesca. Woke-washing: “Intersectional” femvertising and branding “woke” bravery. **European journal of marketing**, 2019.

Souza, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2021.



Gerbson da Silva Lima; Taciana Lima de Paula Black & Kalina Vanderlei Silva

*Além do filtro: interseccionalidade e a experiência das adolescentes negras do Recife no Instagram*

The Harris Poll. Lego Group Kicks Off Global Program To Inspire The Next Generation Of Space Explorers As NASA Celebrates 50 Years Of Moon Landing. [The Harris Poll](#), 2023.

Trindade, Luiz Valério de Paula. **It is not that funny.** Critical analysis of racial ideologies embedded in racialized humor discourses on social media in Brazil. Thesis (PhD in Sociology), University of Southampton, 2018.

Veja. Instagram e saúde mental: como a rede pode ser tóxica para os usuários, [Veja](#), 2019.

**Submetido em:** 02 de outubro de 2023

**Avaliado em:** 17 de outubro de 2023

**Aceito em:** 15 de novembro de 2023